

OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DA GREVE DO IFCE: PREJUÍZO? FÉRIAS? SOLUÇÃO? REINVINDICAÇÃO? LUCRO?...

Darcijane dos Santos Nunes (PROLING/UFPB)

darcycute@hotmail.com

Maria Edione Pereira da Silva (PROLING/UFPB)

Edione.ms@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar, sob a perspectiva da AD Francesa, quais os efeitos de sentido da greve do IFCE para as diferentes classes envolvidas, buscando mostrar que não existe “o sentido”, pois este não está atrelado às palavras. Os sentidos, segundo Pêcheux (1988) “podem sempre derivar, serem outros”. Para mostrar os múltiplos sentidos da greve, a partir do discurso institucional dos sujeitos que ocupam diferentes posições sociais, utilizamos como *corpus* desta pesquisa, diálogos entre alunos, professores e funcionários a respeito da greve dos Institutos Federais, postados nas páginas das redes sociais, neste caso, nas páginas do *Facebook*. Para compreendermos o(s) efeito(s) de sentido(s) da greve para o Governo Federal, analisamos informes inscritos nos jornais do país sobre a negociação da greve. Esta pesquisa mostra que o que possibilita os desvelamentos de sentidos são as posições-sujeito, as condições de produção e a exterioridade constitutiva dos enunciados.

PALAVRAS-CHAVES: Análise do Discurso. Greve. Sentido. AD Francesa.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar quais os efeitos de sentido da greve do IFCE para as diferentes categorias envolvidas nesta instituição de ensino, a saber, os professores, alunos, funcionários e o governo federal. Para isso, analisaremos os diálogos entre eles postados nas páginas do *Facebook*, uma das redes sociais que se tornou atualmente um suporte de grande repercussão social. E também utilizaremos como *corpus*, informes jornalísticos sobre a negociação da greve entre o governo e as categorias supracitadas.

O interesse sobre a escolha do tema se deu pela repercussão da greve no nosso país e a polêmica causada através dos múltiplos sentidos dados a este vocábulo, entendendo que, por ser proferido por sujeitos que ocupam diferentes posições sociais e pelo momento histórico ao qual este evento está inserido, as palavras podem adquirir diferentes sentidos. Pêcheux (1988) assevera que

os sentidos não estão ligados às palavras, pois estes podem sempre derivar. A partir desse pressuposto, desenvolveremos nossa pesquisa, utilizando como aporte teórico, a categoria dos efeitos de sentidos proposta por Pêcheux como uma das categorias de análise do quadro epistemológico da Análise do Discurso (doravante AD) de orientação Francesa.

Com este trabalho esperamos corroborar para as eventuais pesquisas a respeito do quadro teórico da AD Francesa, além de servir como fonte de pesquisa para aclarar as ideias de possíveis estudiosos que possam se interessar por essa linha de pesquisa, tendo em vista a importância da AD para os estudos linguísticos atuais.

Primeiramente, faremos um breve histórico sobre a AD Francesa, para em seguida nos determos a categoria de efeito de sentido proposta por Pêcheux. Após a abordagem teórica partiremos para a análise do corpus constituído por informes jornalísticos postados no site globo1 (G1) e diálogos retirados das páginas do Facebook no dia 05 e 06 de junho de 2012.

2 OS PERCURSOS DA AD FRANCESA

O corte epistemológico saussuriano, ao desconsiderar o sujeito e a história para os estudos linguísticos, contribuiu para o aparecimento de novas abordagens que nasceram a partir desta falha estruturalista. Uma dessas abordagens que surgiu para criticar esta falha foi o quadro teórico da Análise do Discurso de orientação francesa, proposta por Pêcheux, que ao contrário do estruturalismo, seus estudos se encontram pautados na historicidade constitutiva do discurso e na importância do sujeito para a análise linguística.

A AD teve sua fundação através da publicação da Obra de Pêcheux, denominada “Análise Automática do Discurso” publicada em 1969. Este quadro teórico encontra-se articulado na revisão crítica de três campos do saber: Linguística, com os estudos semânticos; a Psicanálise, a partir da teoria do sujeito inconsciente; e a História, através do materialismo histórico e da ideologia.

A AD propõe um novo olhar para os estudos linguísticos, ao reformular a noção de efeitos de sentidos, ideologia e sujeito, além de incorporar a noção de memória discursiva, levando em conta a importância da historicidade para a compreensão das práticas discursivas. Dedicaremos os tópicos a seguir à explicitação das categorias de análise da AD, a saber, a noção de sujeito, memória discursiva e efeitos de sentidos.

2.1 A noção de sujeito para AD.

A partir da crítica em relação à abordagem estruturalista que desconsidera a função do sujeito para os estudos linguísticos, Pêcheux - através da leitura de Althusser e inspirado na Psicanálise Freudiana - cria a noção de sujeito para a formulação do quadro teórico da Análise do Discurso.

A AD trabalha com a noção de sujeito inconsciente, clivado, ou seja, um sujeito que não é fonte nem origem do seu dizer, pois este se encontra interpelado por ideologias e sempre está sofrendo relações de poder. Ao ocupar diferentes posições, o sujeito tem o seu discurso controlado (interditado) com isso os discursos são apresentados de formas distintas, de acordo com a posição que este ocupa nas práticas discursivas.

Contudo, para a AD, não existe o Indivíduo falante e sim o sujeito, haja vista que a Análise do Discurso entende o sujeito não como um ser empírico de existência particular, mas um sujeito que existe em um espaço social e ideológico (FERNANDES, 2005). A esse respeito, Pêcheux (1975) afirma que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”.

Ainda em relação à noção de sujeito, o célebre russo Mikail Bakhtin, ao afirmar que o sujeito é formado por diferentes vozes e que ele só se constitui através da interação com o outro, institui a noção de polifonia. Mais tarde, em consonância ao pensamento bakhtiniano, a AD traz a noção de polifonia redefinida por Authier-Revuz como a noção de heterogeneidade, ou seja, o sujeito não é homogêneo, pois este é atravessado por diferentes discursos que o configura.

A Análise do Discurso também se interessou pelas considerações de Michel Foucault a respeito do sujeito, o qual se reporta a noção de sujeito como um efeito de subjetividade, entendendo a subjetividade como historicamente construída a partir de saberes e poderes. Foucault (1996) acredita que em toda relação social há relação de poder.

A AD se interessa pelas relações de poder proposta por Foucault “à medida que os enunciados apontam para posições-sujeito, e essas posições são marcadas por relações de poder que se opõem” (FERNANDES, 2008 P. 107).

O sujeito, ao se relacionar socialmente e ao ocupar diferentes posições no âmbito social, produz subjetividade que o instaura em espaços sociodiscursivos o tornando em sujeito singular, assumindo identidades que se enquadram nas situações comunicativas que o sujeito se insere. Fernandes e Alves Jr (2008) se reportam a respeito da identidade afirmando que “pela fala, o sujeito

revela sua posição social, e as diferentes identidades, das quais se veste nos diferentes lugares que ocupa”

A título de exemplo, vamos observar o texto de um funcionário a respeito da greve, postado na página do *Facebook* no dia 06 de junho de 2012.

Funcionário 1.

“Professores, Técnicos Administrativos e Alunos do Campus Cedro, gostaria de registrar minha enorme satisfação com o que foi vivido hoje pela manhã em nosso campus. Uma reunião onde todos fizeram uso do seu direito constitucional de expor os seus pensamento, uma reunião muito respeitosa onde cada um expressou sua forma de pensar de maneira clara e objetiva. Fiquei muito feliz com a participação efetiva dos nossos alunos (continuem buscando sempre os seus direitos). Ficou deliberado em votação dos servidores presentes que dia 13/06/2012 o Campus Cedro entrará em greve. O resultado da votação foi o seguinte: 20 votos a favor da greve, 12 votos contra a greve 07 abstenções. Eu fui um dos servidores que votou contra a greve e, desde já, resguardo meu direito de não aderir ao movimento de greve. Estarei todos os dias no campus desenvolvendo meu trabalho e cumprindo o meu horário de serviço. Desde já desejo boa sorte a todos e rogo ao bom Deus que nos proteja hoje e sempre.” **Ceição Santos, Laís Felix, Bruno Ribeiro e outras 28 pessoas curtiram isso.**

O sujeito, ao ocupar diferentes posições, tem seu discurso atravessado por ideologias e constituído de diferentes vozes que o compõe. No texto acima, observamos que ao ocupar a posição de funcionário do IFCE, o sujeito se encontra atravessado pela ideologia do “politicamente correto,” não aderindo à greve, afirmando que continuará a exercer suas funções normalmente no campus, mesmo com a ocorrência dela. Neste caso, observamos que as vozes que ecoam no seu discurso, são vozes institucionais, a saber, voz do governo e a voz da religião onde circulam tal discurso. Nesse caso, a aderência à greve é ir de encontro com a ideologia dominante.

Nesse sentido, entende-se que o sujeito é interpelado por relações de poder que transpassa o seu discurso, mostrando que o sujeito é disperso, assujeitado. Na perspectiva foucaultiana, a aderência a greve é entendida como o discurso da resistência que se aloca no inconsciente do sujeito através do contradiscurso.

2.2 A noção de Memória discursiva e interdiscurso.

Segundo Pêcheux (1990, p. 286) “a memória é um conjunto complexo pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de tecidos de índices lisíveis, que constitui um corpo sócio-histórico”. Nesse sentido, a memória é pré-requisito necessário para a interpretação das práticas discursivas, pois é nela que o sujeito encontra guardado os pré-construídos, ou seja,

discursos legitimados que se mantêm na memória social e que permite que este interprete os discursos de um dado momento histórico.

Em relação a memória social Gregolin (2001, p.70) afirma que,

A memória social está inscrita nas práticas de uma sociedade, constrói-se no meio termo entre a a-temporalidade do mítico e a forte cronologia do histórico; isto porque, apesar de determinada pela ordem do histórico, não chega a ser, como esta, uma memória construída, ordenada e sistematizada. Para enxergá-la é necessário buscar o signo de auto-compreensão da sociedade para posteriormente interpretá-la.

A memória social, portanto, é um depositário de imagens e discursos cristalizados, ou seja, discursos que circularam e ainda circulam em uma sociedade, passando a ser um lugar de interação entre o passado com o presente. Nesse âmbito, a memória reatualiza o passado, através dos enunciados repetíveis que sempre reaparecem no discurso, como postula Bakhtin “Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.”.

A memória discursiva permite que o sujeito-leitor retome enunciados do passado e os coloque no presente, fazendo com que este se instaure na atualidade. Por estarem guardado no domínio da memória, ou seja, no interdiscurso, os enunciados são heterogêneos, resultante do intercruzamento de vozes que ecoam do interdiscurso para o intradiscurso. A esse respeito Gregolin (2001a, 71) assevera que

As redes de memória, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam insistentemente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente. Por estarem inseridos em diálogos interdiscursivos, os enunciados não são transparentemente legíveis, são atravessados por falas que vêm de seu exterior – a sua emergência no discurso vem elevada de pegadas de outros discursos.

Para esclarecer o conceito de interdiscurso, Courtine (1999) o conceitua como “séries de formulações que constituem a exterioridade do enunciável para o sujeito-enunciador na formação dos pré- construídos (já ditos) que sua enunciação se apropria”. Portanto, o interdiscurso é a base de sustentação do dizer, onde está o domínio da memória do sujeito- enunciador.

2.3 Efeitos de sentidos

A noção de sentido para a Análise do Discurso Francesa se distancia consideravelmente da noção de sentido postulada pela semântica, tendo em vista que esta última considera que os sentidos estão evidentes nas palavras e são facilmente perceptíveis. Em contrapartida, a AD Francesa, através de Michel Pêcheux, traz a noção de opacidade dos sentidos, entendendo que estes não estão atrelados às palavras, podendo sempre derivar, pois os sentidos são históricos.

Foi Guillaume (1964 apud BARONAS 2005), quem despertou a atenção de Pêcheux para a teoria dos efeitos de sentido. O supracitado autor argumenta que “os sentidos nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em uma língua”. Ao compreender o viés psicanalítico da teoria de Guillaume, Pêcheux a reconfigurou em meados dos anos 60 para o quadro teórico da AD.

Pêcheux (1988) redefiniu a noção de efeito de sentido, afirmando que “... as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação as formações ideológicas.”

Entendendo que os sentidos são determinados pelas posições- sujeito e pelos processos sócio-históricos nos quais os enunciados estão inseridos, podemos afirmar que o sujeito-leitor, ao ativar sua memória discursiva e ao falar de um lugar determinado, produz sentidos múltiplos. A esse respeito, como título de exemplo, analisaremos o diálogo de um aluno postado na página do *Facebook* no dia 05 de junho de 2012.

Aluno 1

“Greve não!!!

Pelo amor de Deus! Todos aqueles que hoje são professores, Quando se inscreveram no concurso, ja sabiam das dificuldades que enfrentariam na rede ensino e mesmo assim decidiram ser professores. Se sabiam das dificuldades e mesmo assim aceitaram as condições, agora vão ter que AGUENTAR!!!

Os custos que a sociedade tem a pagar por tal ato são imensuráveis.

Sempre ouvi falar que pra se ter um BOM poder aquisitivo é preciso estudar e não ter que ser professor; E isso acho que disso todos ja deveriam saber!!!

Ahh só pra complementar: Aquele que não agradece o pouco não merece o muito! =)”

No texto acima, observamos o discurso proferido por um sujeito que fala de um lugar determinado, neste caso, o lugar social de aluno do IFCE. Para ele, o vocábulo **greve** é sinônimo de prejuízo e de perda de tempo por parte daqueles que a aderiram. Isto fica evidenciado nos

enunciados, “*Greve não!!! Pelo amor de Deus! Todos aqueles que hoje são professores, Quando se inscreveram no concurso, ja sabiam das dificuldades que enfrentariam na rede ensino e mesmo assim decidiram ser professores*”. Neste aspecto, entende-se que a deriva de sentido é possível através do lugar social de onde o sujeito fala e do momento sócio-histórico no qual os enunciados são proferidos.

Em relação à deriva dos sentidos, Pêcheux (1988 p.160) assevera que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe em ‘si mesmo’, ou seja, atrelado ao significante, mas este é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual o enunciado é produzido. No caso do texto acima, o sujeito-enunciador ocupa a posição social de aluno do IFCE, e profere enunciados que estão sendo discutidos no momento atual (discussões a respeito das greve). Neste sentido, o vocábulo **greve** assume um sentido singular, pelo fato de ser proferido por um sujeito que ocupa um determinado lugar social e os enunciados proferidos por ele estão instaurados num momento histórico determinado.

Ao se referir aos professores, o sujeito enunciador ocupando o lugar de aluno tem guardado em sua memória discursiva os pré-construídos de que ser professor é aceitar as dificuldades que a profissão requer, além de se conformar com a baixa remuneração oferecida pelo governo (*Sempre ouvi falar que pra se ter um BOM poder aquisitivo é preciso estudar e não ter que ser professor; E isso acho que disse todos já deveriam saber!!!* Aluno 1, Facebook 05 de junho de 2012). Então o sujeito-enunciador imbuído de pré construídos que já estão cristalizados na memória social, ou seja, enunciados do tipo “ser professor é enfrentar baixos salários” e/ou “o professor não possui um bom poder aquisitivo”; afirma que todos que aceitaram essa profissão são obrigados a se assujeitar a ideologia dominante, assim como ele está assujeitado ao proferir tal discurso.

Entendendo que o lugar de onde o sujeito fala também interfere no discurso e permite a ele se expressar de uma forma singular (a forma mostrada no texto acima). Estando em outro lugar, o sujeito-enunciador do texto em tela teria o seu discurso interditado, como por exemplo, o espaço de uma sala de aula, onde quem teria o poder seria o professor. Neste caso, o lugar de onde o sujeito fala, interfere nas práticas discursivas, além de indicar as relações de poder que são estabelecidas em determinada posição ocupada pelo sujeito. A esse respeito, em consonância com Foucault (apud FERNANDES, 2009) acreditamos que existem relações de poder em todas as relações entre sujeitos.

Para compreendermos os efeitos de sentido da greve na perspectiva do professor, analisaremos a seguir uma postagem de um docente em resposta ao discurso proferido pelo Aluno 1 que analisamos acima.

Professor 1

“Poxa vida Aluno1, dizer que estamos em greve pelo dinheiro e não pela educação é de fato nos chamar de mercenários e desfazer de nosso papeis de educadores. Sou educador a pelo menos 10 anos, sempre atuei nesta área e quero que ela seja sempre melhorada. Se não houver investimentos na educação ela não existirá. Queria que antes de vocês postassem essas revoltas dessem uma olhada na pauta de reivindicações do SINASEFE (<http://www.sinasefe.org.br/v3/>), pois só conhecendo a amplitude do movimento somos livres para deliberar em críticas e apoios. Temos família pra sustentar, é verdade, um professor mal pago é um professor desanimado que acaba por não cumprir seu papel corretamente e por fim gerando prejuízos a educação, mesmo que esta greve fosse apenas por salário já seria justificada pela simples equação: Bons Salário = Bons profissionais, de tal forma que bons profissionais implica boa educação. abraços cordiais!”

No texto do Professor 1, observa-se que o vocábulo **greve** assume o sentido de reivindicação e protesto, por estar sendo proferido por um sujeito que ocupa a posição social de professor do IFCE. Para ele, a greve é um movimento de protesto contra a falta de investimentos na educação ao evidenciar em seu discurso que “*Se não houver investimentos na educação ela não existirá*”. Neste caso, a posição- sujeito permite a deriva de sentido, o que dantes fora conceituado como prejuízo para o aluno1, aqui o vocábulo **greve** assume um novo sentido, já mencionado anteriormente.

Assim compreendemos que a produção de sentidos se dá a partir de um lugar social onde o sujeito se instaura em dada situação comunicativa na qual ele está envolvido, evidenciando a historicidade dos sentidos. Como afirma Baracuhy (2008 p. 721) “as palavras só ganham sentidos em um contexto histórico, em que o lugar social ocupado pelos sujeitos é significativo”.

Ao se reportar acerca da questão de que “*um professor mal pago é um professor desanimado que acaba por não cumprir seu papel corretamente e por fim gerando prejuízos a educação*”, o sujeito-enunciador traz em sua memória vestígios da memória social no tocante aos pré-construídos, de que para ser um bom professor, é preciso serem oferecidas condições de trabalho e um salário digno, ou seja, uma boa remuneração. Em virtude disso, fica clara a interferência da memória discursiva para a produção de sentidos no discurso. A esse respeito assinala Gregolin

Já que os sentidos se tornam enunciables e legíveis pela ação da memória discursiva, há uma relação inextricável entre a interpretação dialética entre memória, que deve ser entendida em uma articulação dialética entre repetição e desregulação (Pecheux,1999). Face a um texto como um acontecimento que se dá a ler, a memória restabelece os implícitos (pré-construídos, elementos citados e

relatados, discursos-transversos etc.) criando a condição do legível no próprio legível.(GREGOLIN, 2001 P. 73)

Em relação ao sentido da greve para o governo federal, analisaremos a seguir informes jornalísticos postados no site do Globo 1 (G1).

Governo faz proposta definitiva de até 45% para professores universitários

sex, 13/07/12

por Gerson Camarotti |

categoria Governo Dilma

“A ministra do Planejamento, Miriam Belchior, apresenta neste momento uma proposta definitiva de aumento para professores universitários e de escolas técnicas de aumento dos salários de até 45% em três anos. O reajuste terá um impacto no orçamento da União de R\$ 3,9 bilhões.

Participam da reunião com os representantes dos sindicatos a ministra Miriam Belchior e o ministro da Educação, Aloísio Mercadante. O movimento grevista nas federais, em alguns estados, dura cerca de dois meses.

A proposta do governo tem como critério o estímulo à dedicação exclusiva e a produção acadêmica nas universidades e escolas técnicas. Por essa proposta, o salário de um professor universitário com doutorado e dedicação exclusiva vai passar dos atuais R\$ 11.700 para R\$ 17 mil até 2015. Será um reajuste de 45% em três anos.

Para professores com doutorado e pouco tempo de vida acadêmica, o reajuste será de 33%, passando dos atuais R\$ 7.300 para R\$ 10 mil. Pela proposta, haverá uma estratégia de alongar a carreira do professor universitário com novas faixas salariais. Os professores com mestrados terão reajustes de entre 25% e 27%. Também será estimulada a titulação dos professores de escolas técnicas.

“Essa não é uma proposta para negociação. Essa é a proposta do governo para valorizar a educação”, disse Miriam Belchior ao Blog. Ela lembra, que os professores universitários já tiveram reajuste de 4% esse ano. “Os professores estão no topo da lista de prioridades. Mas houve precipitação dessa greve. Com essa proposta, o governo confia que atende as reivindicações da categoria”.

A ministra do Planejamento ressaltou ainda que é preciso fazer uma proposta realista para as contas públicas num momento de crise financeira internacional. Sobre as reivindicações das demais categorias, ela é cautelosa. “Nós não temos carreiras com perda salarial. Agora, estamos fazendo as contas para fazer uma proposta responsável. É preciso ver o que é possível para 2013”, resalta Miriam Belchior”. (retirado do site <http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2012/07/13>)

Publicado às 16h00

O texto acima mostra as propostas de negociação da greve entre o governo federal através da pessoa da ministra Miriam Belchior e os profissionais da educação. No discurso da ministra, percebemos que sua representação social no lugar de autoridade, ou seja, assumindo a posição social de ministra, produz discursos que procuram apaziguar e solucionar a greve. Embora afirme que “Essa não é uma proposta para negociação. Essa é a proposta do governo para valorizar a educação”, verificamos que para ela a greve é algo desnecessário, já que o governo não tende a negociar e sim a expor a proposta de valorização educacional. Ou seja, o sentido da **greve** é posto aqui como um meio para anunciar as propostas benéficas do governo para a educação. Já que se

subtende através do discurso da ministra que o governo já tinha elaborado tal proposta e que a greve só acelerou a divulgação dos benefícios que o governo havia pensado para a educação.

Neste caso, a greve para o governo produziu um sentido positivo, gerando lucro no sentido de que esta se torna um suporte para favorecer a imagem do governo mostrando a “preocupação” deste em relação à educação. Isso é reforçado quando a ministra, em sua voz autorizada, afirma que “Os professores universitários já tiveram reajuste de 4% esse ano”. Esse baixo percentual de reajuste ratifica aquilo que está cristalizado na memória social no tocante aos baixos salários do professor refutando o descaso e a não prioridade da educação no país, principalmente, em relação à valorização do profissional.

3 PALAVRAS FINAIS

A produção de sentido está intimamente ligada às posições-sujeito no discurso e a historicidade constitutiva dos enunciados que são produzidos. Isto fica evidenciado nos discursos do professor, funcionário, aluno e do governo através da mídia analisados acima. É importante observar que os sentidos são instituídos a partir do lugar social do sujeito-enunciador, ratificando a ideia de Pêcheux (1988) quando afirma que os sentidos são históricos e mudam segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

Portanto, para a AD, compreender um discurso é perceber a complexidade das práticas sociais, entender que a história está intimamente ligada aos sentidos dos enunciados, além de saber que a ideologia constrói o sujeito e o intercrucza através dos discursos, produzindo múltiplos sentidos.

5 REFERENCIAS

BARACUHY, Maria Regina. **Relaxa e Goza: enunciado, memória e poder nas lentes da mídia**. IN: Anais do III SEMAD: Sujeito e Subjetividade. Uberlândia: EDUFU, 2008. p.p 720-728.

BARONAS, Roberto. **Efeito de sentido de pertencimento à Análise do Discurso**. 53º Seminário do GEL, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP, 2005.

_____. **Da prisão à liberdade condicionada: Breves notas sobre autoria.** In: GREGOLIN, M.R.V; CRUVINEL, M.F; KHALIL, M.G. (orgs.). *Análise do Discurso: entornos do sentido.* Araraquara, SP: Laboratório Editorial/Acadêmica, 2001. pp 9-36.

COURTINE, J.J. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F & FERREIRA, MC. (Org). **Os múltiplos territórios da análise do discurso.** Porto alegre: Sagra Luzzato, 1999. Pp. 15-22.

DOMINGOS, J.J.; GODOI, Edileide; FREITAS, Eliza; BARACUHY, Regina; MONTEIRO, Emmanuelle; PEREIRA, Tânia. **Práticas discursivas contemporâneas; corpo, memória e subjetividade.** João Pessoa, PB: Marca da Fantasia, 2011. (Série Veredas, 24).

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves; ALVES JR., José Antônio. **Mutações da noção-conceito de sujeito na Análise do Discurso.** In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3., Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

FERREIRA, MCL. **Da ambiguidade ao equivoco: a resistência da Língua nos limites da sintaxe e do discurso.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

_____. **Análise do Discurso: Notas à sua História.** In: *Percurso da análise do Discurso no Brasil.* São Carlos: Ed. Claraluz, 2007.

GADET, Françoise; HAX, Toni (orgs.) Trad. Bethania S. Marlani ... (et al). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (orgs.) **Análise do Discurso: as materialidades do sentido.** São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso; uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999

_____. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____.(org.). **A leitura e os Leitores.** 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

Sites consultados:

www.facebook.com

<http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti>